

## Coronelismo e Messianismo

### no Brasil – O Caso de Canudos

José Calasans<sup>(\*)</sup>

Renomado especialista em Canudos, o autor reconstitui a saga de Antonio Conselheiro a partir dos que o presenciaram em andanças pelo sertão nordestino, na segunda metade do século passado e construindo obras em benefício da comunidade. Primitivamente formulada para os participantes do V Seminário Paraibano de Cultura Brasileira, realizado em João Pessoa, em 1981, esta conferência possui seu centro de gravidade na influência exercida sobre Antonio Mendes Maciel pelos teólogos franceses do século XIX e livro **A MISSÃO ABREVIADA** que também influenciaria o cineasta Glauber Rocha. Sugestionado por essa obra, o líder canudense tornou-se figura carismática que procurou enriquecer-se de uma cultura popular para melhor transmissão desta.

*Palavras-chaves: Antonio Conselheiro, religiosidade popular, messianismo e Arraial de Canudos.*

Os que me conhecem dirão que só sei tocar apenas em meu piano que é Canudos, por sinal um grande piano, um piano de cauda, no qual de há muito venho trabalhando. Vou, portanto, tentar proceder, e me parece pela primeira

---

<sup>(\*)</sup> Conferência proferida, durante o V Seminário Paraibano de Cultura Brasileira, realizado em novembro de 1981, em João Pessoa, e inserida em **Revista da Unipê**, mediante autorização do autor.

vez, a um estudo mais aprofundado do messias Antonio Conselheiro e os representantes do Coronelismo no Nordeste baiano.

Antonio Vicente Mendes Maciel, de alcunha Antonio Conselheiro, também cognominado Santo Antonio Aparecido, Santo Antonio dos Mares, Santo Conselheiro, Bom Jesus e Bom Jesus Conselheiro, possivelmente o mais apelidado nome da conjuntura histórica nacional, fez toda uma carreira de Messias e não chegou a condição de Messias, repentinamente, pois ele procedeu àquilo que me parece a carreira de Messias como, sucessivamente, beato, conselheiro e Messias.

Quem me chamou atenção para a diferença entre beato e conselheiro, foi um velho jagunço de Canudos, com quem conversei nos sertões do Ceará, Honório Vilanova. Disse-me ele que, por volta de 1873, o peregrino aparecera no Assaré e era um beato, sendo que, depois "em Canudos já fui encontrá-lo conselheiro".

Indaguei qual a diferença entre beato e conselheiro e Horácio me replicou com a explicação de que o beato era aquele com atribuições apenas para tirar rezas, cantar ladainhas e obter recursos para a Igreja, enquanto o conselheiro dispunha de outra posição na área da Igreja popular sertaneja, pois falava e dava conselhos.

Procurei verificar se havia razão para a distinção. Tempos depois, encontro um livro muito interessante sobre o médio São Francisco - **Vinte Anos de Sertão**, do padre Heitor Araújo que foi vigário naquela região. Segundo o padre, alguns beatos, depois de algum tempo, tomavam ares de conselheiro e começavam a

pregar. Então, é justamente o falar de público ou não que distingue o beato de conselheiro.

No arquivo da Arquidiocese de Salvador, existe correspondência de um vigário da freguesia de São José dos Araçás, relatando que Antonio Maciel se apresentara ao padre, querendo concluir as obras do cemitério dos lazaristas, desde que lhe fosse concebida autorização para pregar, isto em 1873, um ano depois do aparecimento do peregrino Antonio Vicente, no centro das províncias de Sergipe e Bahia.

A correspondência foi remetida ao Arcebispado e a autoridade competente informou ao vigário que a Igreja podia concordar com o trabalho, mas sem, de forma alguma, permitir que fosse feita a pregação, porque o sermão constituía atribuição exclusiva do vigário e esse não deveria, em hipótese alguma, abdicar desse mister.

Então, o conselheiro desistiu da obra do cemitério e passou a pregar por conta própria. Parece-me que foi este o primeiro momento de rompimento do Conselheiro que era, até então, um beato a serviço da Igreja, tirando ladainhas e arranjando recursos para as obras da Igreja.

## **UM LIVRO NA FORMAÇÃO DO CONSELHEIRO**

O mais importante, porém, é constatação de que esse conselheiro encontrava na própria Igreja apoio para sua ação. Há um livro português do século passado, que foi muito lido nos sertões nordestinos e é apontado como responsável pelo

misticismo da região. Trata-se de **A Missão Abreviada**, do padre português Manoel José Gonçalves Boto.

Neste livro, que teve dezenas de edições, há como que uma justificação do conselheiro, isto é, daquele que, não sendo padre, vai pregar nas regiões onde falta sacerdote. Segundo essa obra, "em qualquer povoação deve haver um missionário, deixem-me dizer assim, e este deve ser um sacerdote de bom exemplo. Na falta dele, qualquer homem ou mulher que saiba ler bem e de uma vida exemplar, com um desses livros deve fazer a oração do povo, pelo menos nos meses de inverno".

Então esse livro irá constituir para o conselheiro uma base de seu saber religioso. Veja-se, por conseguinte, que Antonio Conselheiro não era apenas um apelido, porque conselheiro não equivalia a um cognome mas a uma categoria. Tanto assim que em nossas pesquisas encontramos mais dois conselheiros que viviam na mesma época, o conselheiro José Guedes em Pernambuco e o conselheiro Francisco, na zona de Itiúba, na Bahia. As notícias sobre esses dois conselheiros registram muita semelhança.

De acordo com os registros dos jornais da época, todos esses conselheiros liam **A Missão Abreviada**. Seguramente era esse o caso de Antonio Conselheiro que se preparou lendo essa obra, embora não fosse esta a única fonte de seu conhecimento.

O Conselheiro foi muito além porque lia a Bíblia e alguns depoimentos lançam muita luz sobre o assunto. O jornalista Caldas Brito, que o viu pregando em Inhambupe, na Bahia, disse que ele se revelava um conhecedor da Bíblia – e a

Bíblia que ele lia já me parece identificada porque se trata da edição bilíngue do padre português Pereira, porque o Conselheiro cita constantemente trechos em Latim, acompanhados da tradução portuguesa.

Para o seu tempo, Antonio Conselheiro era assim versado em leituras religiosas. Um jesuíta que foi vigário de Inhambupe e que era seu adversário revelou a impressão de que, a cada contacto entre ambos, o Conselheiro parecia ter lido um livro importante qualquer, porque melhorava consideravelmente seu modo de comunicação perante as populações sertanejas.

## **OUTROS DEPOIMENTOS**

Um juiz chamado James Fontes viu o Conselheiro em 1879, quando ele mal iniciava sua ação de peregrino e achou-o muito abstraído, com um olhar vago, indefinível, dizendo coisas sem muita importância.

O juiz o viu ainda estudante, viajando para Lagarto, em Sergipe, e, por sinal, acompanhado do futuro historiador Felisbello Freire que se transportava da Bahia para Aracaju. Felisbello, estudante de Medicina, e os outros, estudantes de Direito, vinham por mar, do Recife para Salvador e viajavam para Aracaju.

Vale a pena transcrever esse depoimento do magistrado porque se trata de uma peça quase inteiramente desconhecida:

"(...) O que porém lhe dava o tom à fisionomia era o olhar. O olhar boiava naquela abstração vaga, naquela expressão e cisma indefinível que caracterizam os sonhadores e alucinados. Fitava um ponto no espaço, olhando sem ver, absorvido êxtase. Dirigimo-lhes saudação e, ante nossas perguntas, a nada respondeu. Apenas uma vez, como insistíssemos, ele tomou uma atitude inspirada e comunicou-nos essa novidade: "Deus é grande! ... "

Eu não me contive e já um pouco aborrecido com o sujeito, dispus-me a troçar: 'De que tamanho?' O Conselheiro volveu para mim rapidamente uns olhos de fera, a bondade e a abstração habitual cederam lugar a uma expressão tal de surpresa e cólera que me senti gelar de medo. A um sinal dele, aquele povinho era capaz de fazer-me em postas. Disfarcei, felizmente, e, passado aquilo como um relâmpago, ele voltou ao normal e, de novo, com voz cavernosa, repetia a frase".

Anos depois, o mesmo futuro juiz encontrava-se com o Conselheiro e escreve:

"Com pouco tempo foi considerado por aquele povo como um Deus, alcançou construir um grande número de templos e sua influência tornou-se tão grande que ninguém em torno dele tem o direito de pensar e agir por si. É corrente vê-lo obrigar, com a simples força de suas palavras, os riscos queimarem as melhores roupas, calçados e haveres de toda espécie. Nos lugares do rancho, ouvi falar ao Conselheiro como de Jesus e Bom Jesus é o seu nome.

Anos mais tarde tive oportunidade de ir a seu quartel-general em Canudos, onde mora em um templo guardado por sentinela. Ninguém tem o direito de ridicularizar o que vê porque, ai do imprudente, pagaria um gracejo com o

sacrifício da vida. Quando o Conselheiro sai desse templo, toda guarda se ajoelha e beija o chão.

Ao encontrá-lo assim, última vez em que o vi, seu prestígio era estupendo e já me acudiu, de modo algum, repetir qualquer gracejo, análogo ao que proferira em Lagarto. Senti que lidava com um profeta, um dominador de multidões. Seu olhar não tinha a mesma abstração antiga, o hábito de comandar tinha temperado o misticismo.

Depois disso não o vi mais. Cada um de nós seguiu seu rumo: eu, segundo disse Guerra Junqueiro, para ser como toda gente, um bacharel formado; ele, como raríssima gente, um profeta".

Essa descrição nos dá bem uma ideia das transformações que se operaram na formação do Conselheiro e também em sua estrutura intelectual.

## **UM MANUSCRITO DO CONSELHEIRO**

Aqui está um livro manuscrito de Antonio Conselheiro.

(O conferencista exhibe o volume.)

Este livro foi encontrado no lugar chamado Santuário, junto à Igreja Velha, no dia da tomada de Canudos. Tem a seguinte informação: "Oferecido pelo Brigada do 25º Batalhão de Infantaria Eugênio Carolino de Saião Carvalho, achado em Canudos no lugar chamado Santuário, ao **Jornal de Notícias**".

O livro chegou às minhas mãos, como doação da família de Aloisio de Carvalho que era o proprietário do jornal. Esta obra é composta de duas partes: numa, cópia do Evangelho, a maior, e na outra pensamentos refletindo as concepções de Antonio Conselheiro. A folha de rosto contém o seguinte: "Apontamentos dos preceitos da Divina Lei do Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens, pelo peregrino Antonio Vicente Mendes Maciel, no povoado do Belo Monte, província da Bahia, em 24 de maio de 1895".

No mesmo santuário, foi encontrado outro manuscrito, já publicado pelo professor Ataliba Nogueira. Esse outro livro é escrito dois anos depois do primeiro, e foi concluído em 1897. Intitula-se "Tempestades que se levantam no coração de Maria, por ocasião da Anunciação. A presente obra mandou subscrever o peregrino Antonio Vicente Mendes Maciel, no povoado de Belo Monte, província da Bahia, 1º de janeiro de 1897".

Grande parte do que se contém nesse segundo livro aparece no primeiro. Entretanto, no segundo livro é que desponta o pensamento político e social de Antonio Conselheiro.

Na obra anterior, **Preceitos de Religião**, ele se limita a falar dos sacramentos, dos pecados, da necessidade das igrejas, etc. Contudo, neste segundo livro, ele adota algumas atitudes políticas. Tais atitudes têm origem num sermão que pronunciou, possivelmente em maio de 1895, ao entregar ao vigário as chaves da Igreja de Santo Antonio, por ele construída em Canudos. Nesse sermão, Antonio Conselheiro manifesta-se contra o judaísmo, dizendo que os judeus não haviam compreendido os novos Evangelhos. Manifesta-se contra o protestantismo, a República, o casamento civil e a separação entre a Igreja e o Estado.



Para justificar sua posição contra a República, o Conselheiro explica que a República era obra do diabo, acrescentando que se Deus, através da Princesa Isabel, realizara o grande ato de libertar os escravos, o diabo, para se vingar da libertação dos negros escravos, proclamara a República. Daí o raciocínio que adota, dentro de um pensamento místico, perfeitamente entendido, para o qual a monarquia deveria ser restaurada e com o legítimo dono do trono - D. Pedro II.

## **SEBASTIANISMO E PROFECIAS NO CONSELHEIRO**

Não existe, nas manifestações escritas de Antonio Conselheiro, nenhuma referência ao sebastianismo. Euclides da Cunha encontrou um documento que supunha ser da autoria do Conselheiro - mas não era - onde avulta uma das muitas profecias que vinham sendo distribuídas no Nordeste, há muito tempo. Nessa profecia se dizia que, quando as nações brigam com as nações, o Brasil com o Brasil, a Prússia com a Prússia – o que indica tal documento como anterior a 1870 – e a Inglaterra com a Inglaterra, das ondas do mar sairá D. Sebastião para passar pela espada este papel da República.

O sebastianismo não foi uma das ideias defendidas por Antonio Conselheiro. No meio de vários papéis havia esse que anunciava o fim do mundo, a velha ideia medieval, segundo a qual o mundo terminaria no ano mil, o que agora se transportava para o ano dois mil. Dizia-se então: 'a mil e tantos pode ir, mas a dois mil não chegará' ".

Eu possivelmente, embora portando documentos de longevidade – e a minha mãe desapareceu há pouco tempo, aos noventa e cinco anos – não espero chegar aos dois mil, mas, seguramente, a maioria dos presentes irá consegui-lo, e tudo indica que vamos ter um terrível surto milenarista, com a ideia de que o

mundo desaparecerá no ano dois mil, porque isso já sucedeu no milênio anterior.

Se isso suceder, podem esquecer tudo aquilo que lhes estou transmitindo em nossa desataviada conversa, mas ao menos me deem um crédito assim de profeta: "apareceu lá na Paraíba um professor, dizendo que certos grupos humanos iam ficar muito preocupados com o fim do mundo no ano dois mil, como aliás, já se encontra enunciado nas previsões: "a mil e tanto poderá chegar mas a dois mil não chegará".

Ora, Antonio Conselheiro ainda está nesses dois livros, na sua missão de Conselheiro. O impressionante, porém, é a erudição que aí revela.

Sílvio Romero, promotor público de Estância, em 1874, parece haver conhecido Antonio Vicente que por ali passara naquele ano e disse que ele andava munido de um exemplar das **Horas Marianas**, donde retirava a ciência. Tempos depois, um jornal baiano, **Diário de Notícias**, atribuiu ao livro **A Missão Abreviada** o saber de Antonio Conselheiro. Euclides vem e junta as duas obras afirmando: "Lê e segue os preceitos das **Horas Marianas** e de **A Missão Abreviada**".

Ninguém conhecia o pensamento escrito de Antonio Conselheiro porque o que ele dizia chegava possivelmente deturpado ao litoral, atribuindo-se-lhe manifestações de riqueza para Canudos. O problema aí é de messianismo porque as águas do rio se transformariam em leite, a terra em cuscuz e aquele Éden, tal e qual um paraíso, seria um centro de riquezas –mas ninguém sabia o que o Conselheiro pensava. Pois nesses dois livros a que já me referi, ele cita

teólogos do século XVI, inclusive um cardeal apontado como o mais ilustre intérprete da Bíblia na França e inúmeros outros autores.

Ora, comparando o texto bíblico com esses dois livros, **As Horas Marianas** e **A Missão Abreviada**, posso assegurar que nenhum desses autores citados nos tais preceitos são mencionados nesses dois livros. Lógico que Antonio Conselheiro não leu esses autores, pois não há tradução deles, à época, pelo que me foi possível descobrir. Assim, deve ter havido um outro livro, um manual qualquer, onde o Conselheiro foi beber esses conhecimentos.

## **DE IBIAPINA AO CONSELHEIRO**

Eu já disse uma vez aqui na Paraíba, repetindo uma sextilha de Inácio da Catingueira:

*"Eu canto vendo dinheiro  
Eu canto também sem ver  
Canto bebendo cachaça  
Canto mesmo sem beber  
Canto como professor  
E canto para aprender."*

Como professor encontro-me aqui a cantar, mas naturalmente com o desejo também de aprender. Alguém que conheça um livro, um manual de assuntos religiosos do século passado, que pesquise, para que se possa realmente documentar a fonte última, seguramente a mais importante desse pensamento do Conselheiro.

Que ele lia a Bíblia não há a menor dúvida, porque está no depoimento de Brito Mendes: "Seguiu-se à risca o mesmo ritual dos pregadores sacros e as suas primeiras palavras foram um latinório truncado, verdadeiras silabadas na língua de orar. O tema de seu conselho versou sobre a família e falou mais ou menos uma hora. Inteligência superior e conhecedor da leitura da Bíblia, pareceu-me que o Conselheiro havia, em moço, estudado o Latim e o Português".

Esse **pareceu-me** hoje já se transformou em certeza porque, nas memórias do jornalista João Brígido dos Santos, ele declara que foi colega de Antonio Vicente em Quixeramobim, e com ele estudou junto ao professor de Latim da localidade pois o próprio pai queria vê-lo destinado ao Seminário. Portanto esse livro – que ainda não conheço, embora tenha feito um trabalho imenso para encontrá-lo – demonstra que ele se havia preparado para ser um conselheiro que dispunha de beatos.

Antonio Conselheiro foi beato do padre Ibiapina de quem sofreu extraordinária influência. A linguagem de Ibiapina vem toda repetida no Conselheiro. Se não vejamos: Ibiapina era chamado meu pai e Antonio Conselheiro também. Ibiapina, tal como o conselheiro, chamava a todos meu irmão; Ibiapina foi aqui apontado como tendo ajudado ou aplaudido a revolta do quebra-quilos, tal como o Conselheiro, que, na Bíblia, alguns anos depois, é apontado como responsável pela quebra das tabuletas da lei.

Enfim, no termo do livro do Conselheiro, quando ele se despede o faz parecendo que é a cópia da mesma despedida do padre Ibiapina: "É chegado o momento para me despedir de vós. Que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim bastantemente. Adeus povo,

adeus aves, adeus árvores, adeus campo, aceitai a minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino que aspira, ansiosamente, a vossa salvação e o bem da Igreja. Praza aos céus que tão ardente desejo seja correspondido, com aquela conversão sincera que tanto deve cativar o vosso afeto".

## **MESSIANISMO E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS**

Verifica-se por aí que ele escrevia corretamente, com clareza, com segurança. Esse é o papel do Conselheiro que anda por vários pontos do sertão, fixando-se numa área que equivaleria a uma Mesopotâmia, limitada ao norte pelo rio Vaza-Barris e ao sul pelo Itapicuru.

O Conselheiro viveu cerca de vinte e cinco anos nessa atividade, de 1874 a 1897, e durante esse tempo prestou à região assinaláveis serviços para a época. Levantou muros de cemitério – lembremo-nos de que a partir de 1850, com o cólera-morbus, toda a política consistiu em retirar os sepultamentos das igrejas, com o que, face à construção de cemitérios, os padres precisavam muito desse auxílio a que o Conselheiro se prestou largamente, e tanto na Bahia como em Sergipe são inúmeros os muros de cemitérios, inicialmente levantados pelo Conselheiro que conseguia o braço humano e também obtinha os recursos para esse trabalho.

Ele construiu quase vinte e cinco igrejas, cumprindo o que disse em 1873 a Honório Vilanova, quando falou que iria construir esse número de templos e que não os edificaria no Ceará, mas em Sergipe e na Bahia. Num minucioso trabalho que realizei, esse número está quase atingido e se juntar cemitérios e capelas,

vai muito além. Por outro lado, temos informações de que, mesmo em pequeno número, ele abriu tanques d'água em vários pontos do Nordeste. Alguns desses tanques são de boa dimensão e os comprovei em minhas pesquisas.

Ora, um homem que, em pleno sertão do século passado, construía Igrejas, levantava muros de cemitérios, abria tanques e cacimbas, distribuía dinheiro com os pobres e dava conselhos, haveria de exercer, como exerceu, uma influência extraordinária. Se se quisesse fazer blague, poderíamos dizer que ele foi a SUDENE do século passado, tal o montante de obras que pretendeu realizar. Agora como explicar a transferência de funções, de modo a surgir o Messias em sua carreira religiosa?

## **ESCRAVISMO E RELAÇÕES NO NORDESTE**

Aí temos de considerar que Antonio Vicente preparou-se para ser um Conselheiro, na qualidade de um substituto do padre, com quem sempre viveu em harmonia, toda vez que a Igreja interiorana necessitava de auxílio. Ocorre que o Conselheiro começou a tomar partido por certos grupos humanos, a começar pelos escravos. Não se trata de nenhuma demagogia mas a constatação de fatos na documentação histórica que vimos compulsando.

Euclides, no maior dos livros sobre o assunto, não traz sequer a palavra escravos pois levanta toda aquela história de Canudos e do sertão, sem mencionar uma só vez os cativos. Não haveria escravos na região? – Sim, e muitos, se não na zona de Canudos propriamente dita onde Antonio Conselheiro irá situar-se no fim da vida, mas no Itapicuru onde o número de pequenas engenhocas de rapadura chegava a quarenta, propiciando, em face do recenseamento de 1872, mais de dezesseis mil escravos, isso em onze municípios que defini.

O Barão de Jeremoabo anunciou que Antonio Conselheiro estava desorganizando a economia da propriedade rural, porque em torno de sua figura juntavam-se os escravos. Num lugar chamado Altamira, perto do Conde - à época Altamira chamava-se Saco dos Cavalos - um engenheiro italiano, encarregado de construir a estrada Alagoinha-Timbó, declarou que, em 87, o Conselheiro reunia todas as noites cerca de dois mil escravos que vinham de diferentes pontos para ouvir sua palavra.

Portanto, ele pregou aos escravos, prometendo-lhes assistência material, recolhendo comida para aquela gente. Quando se deu a abolição e o negro escravo abandonou a propriedade, porque isso ocorreu frequentemente, o chamado 13 de Maio era um elemento marginalizado, tal como recolhido pelo folclore: "Nasceu periquito/virou papagaio/não quero negócio/com 13 de Maio (...) K é a letra decadente/meu pai assim me dizia/é como 13 de Maio mesmo/ depois da alforria".

Esse negro que se marginalizou passou, depois de 1888, a constituir a corte que acompanhava Antonio Conselheiro. Não se trata de uma suposição porque aqui estão duas cartas, uma de um homem que morava em Tucano, chamado Antero Ferreira Galo, que diz o seguinte ao Barão de Jeremoabo: "Quanto a isto de se dizer que os monarquistas estão em Canudos é pura mentira, o que predomina ali é a gente de 13 de Maio".

A grande força dos primeiros tempos são os negros de quem o Barão de Jeremoabo relata abandonarem os engenhos e seguir Antonio Conselheiro, desorganizando a economia da propriedade territorial. É aí, também, que um outro proprietário rural, chamado José Antonio Camelo de Souza Velho, chega a

dizer que nem queria ser mais brasileiro, "porque aparecera um Napoleão chamado Antonio Conselheiro, que estava só se fazendo acompanhar dessa ralé que são os negros escravos".

Há em Canudos uma rua denominada dos Negros, o que indica a larga importância desses ali. Esta foi uma das causas dos desentendimentos entre os coronéis, Jeremoabo no município de Itapicuru, Camelo em Serrinha e José Gonçalves no município de Bonfim, que movem uma campanha sistemática contra Antonio Conselheiro, dizendo que ela estava desorganizando a economia e desrespeitando o direito de propriedade.

Contudo, existe algo bem importante para contestar tal assertiva: perto de Canudos, ficava uma fazenda de gado chamada Cocorobó, junto à qual se situava a Fazenda Velha, exatamente no lugar em que hoje se levantou o açude de Cocorobó. O dono dessa fazenda era o Dr. Paulo Martins Fontes que, depois da guerra, pleiteou perante a justiça federal indenização pelos prejuízos sofridos com a destruição de sua casa e parte do gado grande e pequeno. Nas razões, ele sustenta o seguinte: "Não foram os jagunços que cometeram estas violações porque eles respeitavam muito a propriedade. Foi a tropa federal".

Quer dizer, junto a Canudos, porque quem outrora via Canudos avistava a fazenda Cocorobó, os jagunços não abateram, não roubaram e nada destruíram, porque quando o proprietário deseja ser indenizado, acusa-se a tropa federal que lá acampou.

## **MESSIANISMO, ÍNDIOS E PROPRIEDADE COMUNAL**



Outro elemento forte constante em Canudos é o messianismo porque, a partir de determinado momento, o Conselheiro tornou-se um messias que é aquele que anuncia um mundo novo, um mundo de riqueza, que pode localizar-se, como bem situa Maria Isaura Pereira de Queiroz, em um parque ou um toldo. Nas cartas de um jagunço fazendo proselitismo, anuncia-se que "(...) Venha para aqui, que esta é a Barca de Noé e não outra, porque aqui é que se fará a salvação contra a República". Disso tudo emerge a pregação messiânica, a própria salvação na terra e o domínio do Éden pela gente da terra, que se faria no próprio Canudos onde estavam.

Voltando à questão dos pretos, um levantamento que fizemos revela, embora ainda faltem confirmações, que cerca de trinta por cento da população de Canudos era composta de negros. A mostra do levantamento é pequena porque depois da guerra foram recolhidos apenas os jaguncinhos que são os meninos jagunços, já que os homens válidos, tornados prisioneiros, foram todos passados pelas armas, através da chamada "gravata vermelha" que era o degolamento.

No registro procedido pelo comitê baiano, com a classificação desses meninos feita à base de certa distinção entre brancos, escuros e mulatos, os escuros ascendem a trinta por cento, quer dizer, uma boa percentagem de negros. Quando Euclides fala naqueles quatro últimos jagunços que enfrentaram um batalhão inteiro, um é negro. Poder-se-ia portanto concluir que, de vinte e cinco a trinta por cento, a população de Canudos é constituída de gente negra.

Há também muito índio, o que constitui coisa surpreendente, mas explicável. Isso porque perto de Canudos localizavam-se três aldeamentos indígenas - Massacará, Mirandela e Robela. Esses índios viviam em constantes lutas, pois

no Arquivo Público da Bahia existe uma série de documentos contra o capitão da aldeia, a respeito da velha questão de ocupação ou não da terra do índio. Tais índios participam ativamente da luta em Amparo.

Segundo o sempre alarmado Barão de Jeremoabo, cerca de quinhentas pessoas, muitos dos quais índios, estavam participando do quebra-quebra das tabelas de impostos. E um médico da terceira expedição, Dr. Edgar Henrique Albertado, nas suas memórias inéditas, revela que tratou de muitos soldados feridos por flecha, o que indica, nas aldeias próximas, a presença de caboclos que se viam desamparados e teriam encontrado no messias o seu grande protetor.

Quanto ao problema da terra em Canudos, seu encaminhamento verifica-se do seguinte modo: como vimos, as propriedades próximas foram respeitadas e, segundo informações de um jagunço chamado Pedrão, que era um homem bem informado e fazia parte da guarda católica ou da companhia do Bom Jesus, Canudos era um arraial em torno de uma Igreja e essa Igreja era um encapelado instituído pela Casa da Torre.

Então, o Conselheiro distribuía àqueles que lá chegavam, para construir e plantar, uma légua em quadro, justamente a terra dada ao encapelado para sua manutenção. Assegurava-se o direito de propriedade privada das casas, tanto assim que há cartas de jagunços encontradas pelo jornalista Julio Procópio Favila Nunes, anunciando que, quem quisesse ir para lá, poderia fazê-lo porque havia casas para vender.

Em Canudos, registra-se a segunda tentativa do Conselheiro de deixar de ser um simples peregrino e encontrar um chão sagrado. A primeira foi em Crisópolis, num lugar chamado Dendê de Cima, onde o Conselheiro construiu uma Igreja

em terreno inteiramente desocupado e fundou um Arraial que se chamou Arraial do Bom Jesus, depois Vila Rica, e atualmente cidade de Crisópolis. Vejam assim que existe na Bahia uma cidade que foi fundada por Antonio Conselheiro, sendo que a Igreja que ele fundou, e benzida em 1892, ainda se encontra tal como ele a edificou. O povo da localidade reconhece a importância do Conselheiro nas origens de Crisópolis.

Existe um outro ponto chamado Xororó, que já era um lugar com alguma habitação, mas que se fortaleceu com a presença do Conselheiro, que aí levantou uma Igreja, e abriu caminho para a formação de importante cidade. A mais importante das cidades que o Conselheiro levantou, trata-se do povoado de Belo Monte que chegou a ter cinco mil e duzentas casas, o que, numa média de cinco pessoas por família, significariam vinte e seis mil pessoas que aí moravam.

À época, na Bahia, só a cidade de Salvador possuía população maior. Era uma gente vinda de Itapicuru, Inhambupe, Tucano, Cumbe, e ainda de Itaporanga e Campos em Sergipe, além de muitos cearenses. As indicações até agora encontradas não aludem a outros grupos estaduais brasileiros, mas a presença cearense é maciça, em razão da seca de 1877. Os Vila Nova, por exemplo, eram pessoas que foram para lá nessa época.

As desinteligências do Conselheiro, durante a sua longa peregrinação e posterior fricção em pontos de território baiano, foram com os padres, por uma questão de autoridade sobre os fiéis. O Conselheiro terminou tendo mais prestígio do que os padres.

Na freguesia de Itapicuru, enquanto Antonio Conselheiro tomava quarenta e cinco pessoas como padrinho de batizados, o coronel aparece com cinco e o

padre com apenas duas. Nesse caso, o compadrio representou outra força bastante poderosa para arregimentação e milhares de pessoas.

Finalmente, sobrevieram atritos com os donos de terra, que se sentiam prejudicados com a movimentação de seus moradores que não eram apenas escravos, mas gente de recursos. Há a declaração de um oficial do 27º Batalhão de Linha, segundo o qual o que mais encontrou em Canudos foram escrituras de compra e venda de terras – as pessoas levavam essas escrituras consigo, abandonando cá em baixo no litoral as terras que possuíam, naturalmente porque não dispunham de condições.